

A IDENTIDADE NEGRA E A REPRESENTAÇÃO AFROFUTURISTA NO FILME *BLACK IS KING*

Brenda Luiza Lobo Felix¹
Francisca Raimunda Nogueira Mendes²

RESUMO

A moda, desde sua origem no século XIV, tem sido um fenômeno socialmente excludente a partir da aplicação das leis suntuárias por ordem do clero e da nobreza. No entanto, com a mudança dessas leis, ela se expandiu e se tornou um fenômeno de expressão que abrange comportamentos sociais, manifestação de status e até mesmo a construção e manutenção de identidades. Para tanto consideramos o surgimento do Afrofuturismo, um movimento que busca criar uma narrativa ficcional na qual a comunidade negra assume protagonismo, desafiando estereótipos a fim de propor um futuro imaginativo e inclusivo para essa comunidade usufruindo de proposições correlatas ao movimento negro como estratégia de resistência ao racismo. Na intenção de aproximar os laços do afrofuturismo com a moda, analisaremos figurinos, cenários e clipes presentes em *Black Is King* (2020)³, filme musical e álbum visual, dirigido, escrito e com produção executiva da cantora americana Beyoncé. Essa obra reflete acerca da identidade negra e suas raízes, utilizando os símbolos da moda para suscitar o resgate da identidade negra, promovendo novas perspectivas de futuros baseados em inovações tecnológicas e estéticas.

Palavras-chave: Moda. Identidade Negra. Afrofuturismo.

ABSTRACT

Fashion, since its origin in the 14th century, has been a socially exclusionary phenomenon from the application of sumptuary laws by order of the clergy and nobility. However, with the change of these laws, it expanded and became a phenomenon of expression that covers social behaviors, manifestation of status and even the construction and maintenance of identities. To this end, we consider the emergence of Afrofuturism, a movement that seeks to create a fictional narrative in which the black community assumes protagonism, challenging stereotypes in order to propose an imaginative and inclusive future for this community using propositions correlated to the black movement as a strategy of resistance to racism. In order to bring closer the ties between Afrofuturism and fashion, we will analyze costumes, scenarios and clips present in *Black Is King* (2020), a musical film and visual album, directed, written and executive produced by the American singer Beyoncé. This work reflects on black identity and its roots, using fashion symbols to rescue black identity, promoting new perspectives of futures based on technological and aesthetic innovations.

Keywords: Fashion. Blackness identity. Afrofuturism.

1. INTRODUÇÃO

A moda, conforme discutido por Lipovetsky (1987) e Baldini (2006) teve sua origem no século XIV e se consolidou durante o Renascimento europeu, impulsionada pela aristocracia majoritariamente branca. Apesar de ter se apresentado de forma socialmente excludente, com a mudança das leis suntuárias e a Revolução Francesa, a moda, como observa Calanca (2008), passou a

¹ Graduanda em Design - Moda pela Universidade Federal do Ceará.

² Orientadora Profa Dra do Curso de Design-Moda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=69MO7yU0d70> Acessado em: 20 de Julho

alcançar também as classes menos privilegiadas, como a burguesia, resultando em uma transformação social que teve essencialmente como resultado uma imitação dos costumes burgueses à nobreza (Lipovetsky, 1987, p.53).

Calanca (2008) ressalta essa ideia ao destacar que, na Itália do século XVII, a moda era associada à busca pela elegância por parte das classes nobres, refletindo a capacidade de adaptação, os acordos sociais e as formas de agir, pensar, falar e escrever, caracterizando-se também por aspectos sociais, culturais e identitários de pessoas brancas.

Lima, Silva e Cezar (2017) refletem sobre a construção das identidades negras e que, mesmo protagonizando momentos históricos na humanidade, as pessoas negras sofrem um silenciamento que induziu a negação reconhecimento e a não assimilação de sua contribuição como agentes da transformação do meio.

Stuart Hall (2003) afirma que, apesar da estrutura de cooptação imposta pelo branco no que tange a sociedade negra, seus indivíduos têm abraçado sua ancestralidade africana por meio de símbolos culturais que são hibridizados com elementos dos seus contextos diaspóricos, fazendo com que a musicalidade, arte e o próprio corpo se tornem uma constatação constante de sua presença. Entretanto, o autor ainda considera que as indústrias culturais têm o poder de retrabalhar e remodelar constantemente o que representam. Pela seleção e repetição, esses processos são capazes de impor e implantar definições de nós mesmos e dos outros, criadas pela cultura dominante (HALL, 2003).

Contudo, Silva e Quadrado (2016) afirmam que durante as décadas de 1950 a 1970, pela a efervescência dos impactos dos direitos civis e a luta pela descolonização das mentes e corpos das populações da diáspora negra, foram iniciadas articulações do Movimento Negro, um fenômeno que surge em contraposição às políticas segregadoras e racistas, esse movimento possibilitou uma conexão global com artistas que incorporaram em suas obras elementos futurísticos e uma crítica social articulada em torno da experiência negra, visando tanto a identificação quanto o rompimento com a lógica racista estabelecida pelos pensamentos eurocêntricos. Nesse contexto, Sun Ra, um artista musical afro-americano, destacou-se como um dos pioneiros do movimento afrofuturista, cuja estética singular evocava uma realidade "de outro mundo".

É nessa lógica que surge, no ano de 1990, o termo afrofuturismo cunhado por Mark Dery, um escritor norte-americano branco, em seu ensaio *Black to the*

Future (1994), questionando a ausência de representatividade das pessoas negras no cenário da ficção científica. Em conformidade com ele, Kabral (2020) afirma que o afrofuturismo busca estabelecer uma narrativa ficcional que projeta um futuro no qual a comunidade negra assume o papel de protagonista, bem como autoria e uma estética própria, de maneira positiva e empoderada.

Em uma de suas obras, Oliveira & Euclides (2023) atestam que essa abordagem estética e social surge como uma expressão de resistência e afirmação da identidade negra. Ao questionar e subverter as convenções estabelecidas pela ficção científica tradicional, o afrofuturismo amplia as possibilidades de representação e construção de identidade para a comunidade negra. Ele desafia os padrões dominantes ao propor um futuro imaginativo, inclusivo e afirmativo para as pessoas negras, rejeitando estereótipos e promovendo uma visão de futuro na qual a tecnologia, a cultura e a crítica social se entrelaçam para criar novas narrativas e possibilidades para a comunidade negra.

A partir da análise dos figurinos, cenários e clipes do filme *Black Is King*"(2020) buscaremos entender sua contribuição para o debate de visibilização das identidades pretas. No item dois discutiremos os conceitos de identidade e afrofuturismo, aliando-os à moda, a fim de situarmos a necessidade da representação, desmontando os padrões eurocentristas para humanizar e dar protagonismo ao indivíduo negro.

Já o item três introduz o contexto da obra *Black Is King*, pontuando aspectos de sua construção como a direção e interpretação feita por Beyoncé. Além de se tornar um álbum visual referenciado em *The Gift*, álbum digital que nomeia os clipes presentes em *Black Is King*, a narrativa traz também um *voiceover*⁴ que substitui a dublagem, mas ainda assim deixa claro a sua intenção.

O quarto item reflete sobre os clipes iniciais do filme: *Bigger* e *Find Your Way Back* que vão trazer a representação do nascimento de Simba e a lembrança da sua raiz identitária, posicionando-nos em um futuro que reflete a história dos antepassados negros e suas marcas por meio do figurino que traduz a religiosidade e ancestralidade.

No quinto segmento é abordado o vestuário e o luxo como ponto de partida para a necessidade da representação de aspectos da cultura negra, apresentando Simba em uma posição social elitizada, levando o telespectador a refletir sobre a

⁴Trata-se da adição de narração ou voz a um vídeo.

importância da retomada da consciência sobre si.

No sexto item, enfim, ocorre a chegada ao objetivo de Simba, que é reconhecer-se como merecedor e rei do trono que lhe pertence, mostrando a trajetória individual numa luta coletiva, permeada pela história ancestral, etnicidade e memória dos passos que guiam a comunidade negra até a chegada. Isso é ilustrado na adesão dos signos culturais africanos às vestes tradicionais, rituais e cultos que Simba e Nala passam a adotar.

Por fim, as considerações finais apontam que a moda aparece na construção dos figurinos que representam reconexão com a ancestralidade dos personagens, mostrando como os elementos da cultura africana falam a respeito de outras histórias que a colonização ocidental suprimiu.

2. RELAÇÕES ENTRE MODA, IDENTIDADE NEGRA E O AFROTURISMO

Como já mencionado, a moda é um fenômeno que engloba diversos aspectos sociais. Além disso, ela legitima padrões estéticos já aceitos socialmente" (VICENTINI, 2020, p.18) e domestica o corpo, nesses arranjos, contribuindo para que as classes dominantes moldem o corpo às suas vontades. Calanca (2008) afirma ainda que a mesma se apresenta como um sistema que comunica e expressa, por vias estéticas, a identidade de um indivíduo ou grupo, ainda que esta se solidifique também como uma mimetização de padrões sócio-culturais reproduzidos por membros de determinada sociedade ou cultura.

Por conseguinte, desde a colonização do continente africano, há a imposição de uma visão eurocêntrica, inclusive relacionada à estética. Nesse sentido, Berth (2019) mostra a exclusão intencional das pessoas pretas desse processo e nos leva a refletir que a manutenção do Estado continua a favorecer a classe branca, que historicamente se inseriu nas sociedades escravizadas com um sentimento de superioridade.

No entanto, a autora também apresenta, em sua obra, meios de empoderamento, os quais são percebidos como ferramentas podem contribuir para o fortalecimento das comunidades minoritárias, especialmente dos negros, ao conferir a um indivíduo o poder de agir coletivamente para enfrentar a opressão e promover a equalização de existências na sociedade. Desse modo, o Afrofuturismo a partir da visão da escritora Womack (2013):

[...] através da literatura, artes visuais, música ou organização de base, redefine a cultura e as noções de negritude para hoje e para o futuro. Tanto uma estética artística quanto uma estrutura para a teoria crítica, o afrofuturismo combina elementos de ficção científica, ficção histórica, ficção especulativa, fantasia, afrocentricidade e realismo mágico com crenças não ocidentais. em alguns casos, é uma re-visão total do passado e especulações sobre o futuro repleto de críticas culturais (Womack, 2013, tradução livre do autor).

A partir dessas considerações, destaca-se o surgimento do Afrofuturismo, conforme descrito por Anchieta (2021), como um movimento social multidisciplinar que integra elementos como intelectualidade, fantasia, tecnologia, espiritualidade, arte e diversas outras formas de expressão, incorporando os atributos do indivíduo negro. Esse movimento oferece a oportunidade e protagonismos aos negros, conduzindo suas comunidades em direção a um espaço futuro por meio da estética. Nesse sentido, Machado (2020) mostra que a moda pode funcionar, nesse processo, como um agente de transformações identitárias que caracteriza e aponta o indivíduo dentro de uma classe específica a partir do uso de tecidos, cores e estampas.

Isso pode ser notado a partir do uso da etnicidade na moda, que ao representar a africanidade, pode, conforme Santos (2019), trazer a intenção de resgatar a herança cultural africana por meio de suas tradições, usos e costumes, revelando a riqueza de conhecimento do saber afro diaspórico⁵.

A partir das considerações apresentadas, é possível inferir que o Afrofuturismo e a Moda se encontram para impulsionar a expressão das comunidades afro-diaspóricas (Anchieta, 2021). Essa interseção é percebida no contexto em que os próprios indivíduos falam sobre si e suas representações, baseadas em conhecimentos ancestrais, validando perspectivas de futuros que destacam inovações tecnológicas, têxteis, modelagens, estamparias e outros artefatos também aplicados no campo da moda (Kabral, 2016).

Nesse sentido, a representatividade de Sun Ra, que expressa o desejo de

⁵ para entender o conceito de afro diáspora é necessário compreender que diáspora, o termo que nomeia o objeto em questão, de acordo Santos (2008, p.13), “ traz em si a idéia do deslocamento que pode ser forçado como na condição de escravo, resultado de guerras, perseguições políticas, religiosas ou desastres naturais.” Dessa forma afro diáspora compreende a dispersão forçada sofrida pelos povos africanos, então ser afro diaspórico, ainda fundamentado em Santos (2008), envolve ser um afrodescendente dentro ou fora do continente africano.

abandonar estruturas racistas, continua influenciando personalidades de diferentes áreas até os dias de hoje.⁶ Esses artistas incorporam em suas obras e discursos elementos que vão além de suas vivências, intencionalmente provocando o desejo de pertencimento das comunidades negras em relação à sua cultura, pois para Mourão (2005, p.249) o “sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo (origem e território) comum”. Além disso, eles contribuem para que os integrantes dessas comunidades se vejam representados em espaços onde anteriormente não havia essa representatividade,

Sendo assim, baseamo-nos em pensadores e estudiosos da moda como Harger (2015) para entendermos seus aspectos inseridos em um contexto afro identitário. Oliveira (2021) discute a influência das cores de modo geral em relação ao figurino, e este último sob a perspectiva observada por Castro e Costa (2010) que mostram sua importância na cenografia e na obra. Oliveira (2012) leva em consideração o papel que a ancestralidade desempenha, definindo-a como a incorporação das experiências vividas pelos povos negros, tanto na África quanto na diáspora, por meio de uma perspectiva cosmogônica africana. Negreiros (2020) argumenta que a moda é uma expressão de memória e identidade, enquanto Harger (2015, p. 14) destaca o papel da moda na preservação dos interesses e pensamentos culturais e sociais. Para as comunidades negras, a moda se torna uma estratégia política, pois, apesar de terem sido vítimas de sequestro, extermínio e escravidão como consequência direta do processo de colonização, essas comunidades resistem e utilizam a moda como uma forma de expressão e empoderamento, conforme aponta Santos (2020).

Por meio de uma perspectiva embasada na suposta superioridade, a população predominantemente branca da Europa impôs às colônias diversas teorias, incluindo a teoria racial, a qual foi utilizada como critério social para estratificar as classes (Souza, 1983). Ela pressupunha a superioridade de uma raça em relação às outras, especialmente a raça branca em relação a todas as demais. Homi K. Bhabha (1939, p. 202) observa que esse discurso se arraigou no

⁶ Exemplos dessas personalidades incluem Xênia França - cantora e compositora; Tássia Reis - cantora de rap; Aza Njeri - doutora em literaturas africanas; Nátaly Neri - comunicadora e especialista em sustentabilidade e economia circular; Isaac Silva - designer e estilista de sua marca homônima; Angela Brito - estilista cabo-verdiana; Erykah Badu - cantora e compositora norte-americana; Céu e Júnior Rocha - designers e CEO da marca de moda Meninos Rei.

imaginário coletivo como um mito fundamentado em teorias discriminatórias.

Barth (2000) menciona que a identidade pode ser ou não negada tendo em vista o contexto social em que se apresenta, então, devido à falta de contato com o mundo exterior, os povos originários e os indivíduos negros que foram escravizados se viram obrigados a se submeter às regras e normas impostas pelos colonizadores como uma forma de buscar mobilidade social. Isso justifica a falta de destaque nos âmbitos sociopolíticos, especialmente nos campos religiosos e estéticos, sendo impedidos de ocupar tais espaços.

Como consequência, por meio do pensamento de Souza (1983, p.21) percebemos que os negros enfrentam ainda hoje dificuldades em se perceber como referência de beleza. A autora afirma que, mesmo após a libertação da escravidão, os indivíduos eram pressionados a se comportarem de maneira dócil e a serem úteis aos brancos, ou seja, perpetuar a escravidão através da ideologia.

Dessa forma, ao reconhecer as experiências de massacre em sua identidade, o indivíduo negro valoriza, conforme afirmado por Munanga (p.111), a ruptura com o sistema escravocrata, assumindo uma posição de reafirmação da cultura, moral e intelectual. Ele acredita ser sujeito da história de uma civilização que lhe foi negada, buscando assim resgatar sua essência e reconstruir sua identidade.

Nesse contexto, de acordo com os estudos de Stuart Hall (2003, p. 14), compreendemos que a história da identidade afrodescendente enfrenta diversos momentos e interpretações. No entanto, Harger (2015, p. 14) declara que a valorização da indumentária auxilia na construção da identidade cultural, resgatando, por meio dela, crenças e costumes, permitindo que a identidade negra seja construída de forma harmoniosa, superando os desafios.

Em consonância com tais ideias, compreendemos que a moda vai além das barreiras do vestir e enfeitar-se, tornando-se também responsável pela manutenção de interesses e pensamentos culturais e sociais. Para Jones (2005) a moda está relacionada a oito funções e uma delas é a filiação social, que diz respeito ao pertencimento a um grupo ou cultura, e o aprimoramento psicológico, que aqui pode ser entendido como a expressão da identidade por meio de signos relevantes à ancestralidade africana.

3. ENTRELAÇAMENTOS ENTRE A MODA E AFROFUTURISMO NO FILME BLACK IS KING

Dirigido e estrelado por Beyoncé, a obra é distribuída pelo conglomerado de mídia Disney, e pode ser denominado como álbum visual, já que é uma mescla de clipes do álbum *The Gift*, lançado em 2019 pela artista e *voice overs*, sendo este por vezes trechos do filme de inspiração (*O rei leão* de 1994) ou poesias discursivas. Ao longo do enredo, a obra retrata a África como o berço da humanidade, revertendo os conceitos entalhados às comunidades negras, corroborando com Bastide (1974, p. 26) que afirma que o povo negro não trouxe apenas seus reis, rainhas, príncipes e princesas, mas também consigo seus deuses, folclore e crenças.

A história no filme *Black is King* é contada por meio de danças e figurinos, e enredo retrata a história de Simba que se perde na trajetória para ser rei, abandonando o lar e enfrentando a morte do pai, Mufasa, a manipulação do tio Scar, e a perda da própria identidade. Simba e sua história se tornam uma simbologia para falar dos processos diaspóricos que todas as pessoas negras enfrentam na busca por si mesmo. A história retrata também os aspectos sociais que comumente não são associados ao negro, como luxo, fama, poder, autocuidado e amor.

Figura 1 - Capa de Black is King



Fonte: Site Bastidores⁷

O álbum visual é repleto de referências a ancestralidade africana, reunindo deidades de diversos locais da diáspora para falar sobre a proteção da comunidade e a valorização do amor entre homens e mulheres negros, sendo ele cortês - a partir da relação de Simba e sua futura esposa Nala - ou amor próprio, a partir da valorização da beleza de mulheres negras presentes no fragmento que insere o

⁷ Disponível em:

<https://nosbastidores.com.br/critica-black-is-king-beyonce-e-o-maior-pastiche-cultural-do-seculo/>

Acesso em 22 e junho de 2023

clipe *Brown Skin Girl*.

Ao explorar esses elementos, a artista promove uma jornada de resistência e empoderamento, proporcionando uma experiência imagética e narrativa que busca fortalecer a autoestima e a identidade dos indivíduos negros. Os elementos visuais, como o vestuário, a modelagem, as cores, a montagem de cenários e a construção de cenas, são utilizados para legitimar essa discussão e encorajar o grupo representado a se reconhecer em espaços adequados, superando obstáculos e reafirmando sua presença. O filme representa um reencontro com a jornada ligada aos preceitos afrocêntricos, proporcionando uma reconexão consigo mesmo e com a história africana (Oliveira & Euclides, 2023).

As roupas e acessórios usados pelos personagens de Mufasa, Scar, Nala, Simba e Beyoncé a partir de suas diversas interpretações, bem como os dançarinos e alguns figurantes são inspirados e confeccionados com elementos da cultura africana, como estampas tribais e cores vibrantes. Além disso, Almeida (2020) comenta que a ambientação do filme se passa na África e dialoga com as diversas facetas do continente, exibindo paisagens como savanas e florestas, e incorporando referências aos povos tradicionais que enriquecem ainda mais a narrativa.

Para evidenciar os elementos iconográficos, tanto no que diz respeito à narrativa histórica do vestuário ancestral quanto à composição das letras, concentramos nossa análise nos momentos que o filme incorpora em sua narrativa os clipes de *Bigger* e *Find Your Way Back*. Esses clipes ilustram o papel da ancestralidade e a necessidade de trilhar um caminho de retorno para as raízes, sendo representados pelo personagem de Simba. Já o clipe de "*Mood 4 EVA*" retrata a jornada de Simba, que, apesar das tentações e da alienação pelo luxo, luta para reconhecer sua identidade e conquistar sucesso sem esquecer de suas origens e de seus valores.

Destacamos também o impacto do clipe de *Brown Skin Girl*, que fortalece o amor próprio e identifica os negros como ícones de beleza, valorizando a diversidade e incentivando o autocuidado e a preservação da saúde mental e física. Por fim, os clipes de *My Power* e *Black Parade* retratam a retomada da realeza pelos negros, por meio de discursos de luta, reconhecimento da beleza e poder, inspirando a comunidade negra a reafirmar sua dignidade, força e presença em um mundo que muitas vezes tenta negá-la.

4. **BIGGER E FIND YOU WAY BACK: O COMEÇO DE UMA JORNADA PARA O CAMINHO DE VOLTA PARA CASA**

Bigger é a música que aparece na abertura da obra, sendo o início numa praia, diante do mar, utilizando a simbologia da água como elemento central. Mandarino e Gomberg (2009, p.151) afirmam que a água é um símbolo "promotor da vida e da continuidade", representando assim o começo e o final. No entanto, há autores que associam a água, mais especificamente o oceano, à perda de identidade, como Njeri e Ribeiro (2019) que reafirmam essa perda a partir da reivindicação do termo *maafa* pensado por Ani (1998) que traduz a experiência de opressão e desumanização enfrentada pelos povos africanos e afro diaspóricos durante o comércio transatlântico europeu.

Nos primeiros instantes, Beyoncé nos presenteia com uma canção que questiona os estereótipos impostos às pessoas negras pelos mecanismos colonizadores e ao iniciar o filme com a frase "Abençoado seja o corpo nascido celestial, lindo em matéria negra, preta é a cor da pele do meu verdadeiro amor",⁸ revela o impacto dessa narrativa em contraste com a opressão histórica causada pela colonização.

Beyoncé cria também um ambiente de resgate e acolhimento no qual as pessoas negras, por muito tempo, não se reconheciam. Ao longo de toda a narrativa, ela proporciona a esse povo uma representação na qual são atuantes, protagonistas e, acima de tudo, o próprio padrão de beleza, oferecendo-lhes uma plataforma para afirmarem sua autenticidade cultural e romperem com os estereótipos.

As simbologias usadas destacam a necessidade de não esquecer que antes da colonização, o mar, os rios, a água e a natureza eram elementos reverenciados pelos antepassados negros em rituais e no cotidiano. Ao incorporar esses signos, ela busca reforçar a mensagem de reencontro, resgate e empoderamento da ancestralidade negra, convidando os espectadores a reconectarem-se com suas raízes e valorizarem a herança cultural que foi transmitida ao longo dos séculos (figura 2).

Figura 2 - Ritual de nascimento em *Bigger*

⁸ Texto original: "Bless the body, born celestial. Beautiful and dark matter. Black is the color of my true love's skin."



Fonte: Site Metrópolis⁹

Na referida cena, Beyoncé usa um vestido branco pregueado com decote em V e fenda, que remete ao vestido Tarkhan catalogado pelo Museu Petrie¹⁰ (Watson, 2016). Nesse contexto, Almeida (2020) observa que a cor branca está associada a significados compartilhados por várias etnias, como os Zulus, Iorubás e Ewes, representando o luto e a ancestralidade. Essa iconografia também pode estar relacionada à pureza e à luz, sendo esta última uma referência à "*mamma África*", o berço da história da humanidade, que orienta o protagonista e a comunidade negra em sua jornada de retorno, como retratado em *Find Your Way Back*, de acordo com por António (2021).

Podemos perceber um aspecto maternal nesses ícones presentes no figurino, como a modelagem que enfatiza a feminilidade, destacando o corpo feminino através da exibição do busto e das pernas. Isso se aprofunda na perspectiva de Nascimento (2016), que afirma que esses atributos podem se relacionar com a representação visual do "feminino", pois destacam as curvas, a fragilidade e a exposição da pele.

Assim também é possível observar que Beyoncé, representada como uma mulher que desempenha diferentes papéis, como mãe e guia espiritual, se encaixa nos moldes temporais do filme, preenchendo os minutos que se seguem e dialogando com os conceitos afro futuristas por meio dessa jornada retratada em

⁹ Disponível em:

<https://www.metropoles.com/colunas/ilca-maria-estevao/beyonce-usou-look-criado-por-estilista-brasileira-em-black-is-king>

¹⁰ Museu de Arqueologia Egípcia de Londres fundado no Departamento de Arqueologia Egípcia e Filologia da University College London (UCL). Disponível em:

<https://www.ucl.ac.uk/culture/node/21/about> Acessado em 05 de julho de 2023.

poucos frames.

Em outra cena ocorre um ritual de defumação, uma prática comum entre os povos africanos e diaspóricos. Conforme Coelho (2009), a defumação é realizada para proteger os recém-nascidos e equilibrar as energias, afastando as más entidades espirituais e atraindo as boas. A figura que realiza a defumação (figura 3) em Simba e nas outras crianças da comunidade pode ser interpretada como o guia espiritual local, pois está vestida com uma túnica branca, uma indumentária tradicional de algumas religiões africanas, que simboliza pureza, e possui detalhes dourados que representam realeza (António, 2021).

Figura 3 - Ritual de defumação



Fonte: Youtube¹¹

Nas cenas seguintes nos deparamos com a utilização da cor azul na pele de um homem, que Njeri (2020) acredita representar o onírico Sheut que é relativo a uma filosofia kemética, uma sombra que simboliza o espírito do ser. A cor aparece também em outro momento seria nas vestes de Beyoncé, que aparece trajada com uma túnica drapeada azul royal e acessórios maxi - uma estética típica do movimento *streetwear*¹² - com a filha Blue Ivy no colo, fazendo referência a uma deidade afrodiáspórica que é responsável pela fertilidade, nascimento e autoamor, Osun. A cor azul então pode ser entendida de dois modos: o primeiro seria como a cor da espiritualidade (Soares, 2020) e o segundo reforça o status de realeza, já que, para Tamayo e Paulucci (2021) simboliza uma posição de poder, bem como a proteção.

Bigger anuncia que Simba tem um grande potencial e é maior que tudo que

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JED5wEKc3Lc> Acessado em 06 de Jul de 2023

¹² Um estilo popularizado a partir da estética do hip hop, criado e disseminado pelo povo negro

ele pode imaginar, inclusive as imagens moldadas pelo outro em relação a ele, que pode-se ser entendido como as visões eurocêntricas impostas pela colonização. Segundo Almeida (2020), Simba (ou Black, como ela retrata em sua obra) é um indivíduo que representa a diáspora individual e coletiva, com a tentativa de reencontro identitário no pós-colonização. Portanto, o protagonista é maior até do que ele mesmo como retrata a canção, e carregando o “fardo” de precisar retomar o trono para retornar a si. Ele se encontra em uma jornada árdua, mas está sendo sustentado o tempo todo pela história do seu passado, bem como por seus ancestrais, reforçando a narrativa afrofuturista.

As cenas seguintes introduzem a música *Find Your Way Back*, mas anterior a isso visitamos um palácio de tradicionalidade Zulu (figura 4), onde podemos ver Simba, seu pai e o restante de sua família adornados com indumentárias típicas Zulu, com um chapéu e trajes de peles de antílopes e leopardos, que posteriormente serão abordados. Além de Mufasa, vemos também outra representação do espírito ancestral na cultura afro diaspórica, dessa vez representando uma deidade que pode ser tida como Iansã, a mulher búfalo (figura 5), dona das tempestades e símbolo de transformação ou a deusa da fertilidade Osún, conhecida também como Het Heru (Mariah, 2020), que aparece adornada com chifres e pele de animal, com um penteado semelhante a um Adé¹³ representando a sua nobreza.

figura 4 - Simba e sua família



Fonte: Site Persona¹⁴

figura 5 - Representação de Iansã



Fonte: Site Persona¹⁵

Beyoncé aparece também com um grupo de mulheres trajadas de vermelho,

¹³ Objeto Iorubá que representa a coroa de um orixá.

¹⁴ Disponível em: <https://personaunesp.com.br/black-is-king-critica/>

¹⁵ <https://www.hollywoodreporter.com/news/music-news/beyonce-black-is-king-costume-designer-interview-1305461/>

que pode ser interpretada como Obá (figura 6). Uma deidade guerreira regente da sociedade matriarcal Elekô¹⁶, que por vezes é representada pelo número 8, também a quantidade de mulheres em cena. Almeida (2022) observa que essa divindade estende sua solidariedade aos oprimidos, e salvaguarda os desamparados e marginalizados, além de ser, ela própria, a forma mais visceral da representação do amor.

figura 6 - Representação de Obá



Fonte: Site Amino¹⁷

Apresentando a cosmologia ancestral a partir das estrelas, *Find Your Way Back* traz os ancestrais personificados a partir da releitura das máscaras que representam os antecessores na concepção dos povos Dogon e Dagara. As máscaras como apontado por Rezende (2013) representam para esses povos a conexão terra espírito e são confeccionadas de diferentes formas, misturando elementos humanos com o de animais para formar o rosto, originalmente feito em madeira ou pedra, adornados de plumas ou penas. Também percebemos a expressão do rosto cravejado de algumas pedrarias cintilantes, que fazem alusão às estrelas (figura 7).

Autores já referenciados como Njeri (2020) e Almeida (2020) percebem o clipe FYWB¹⁸ como uma das representações afrofuturistas mais presentes na obra. Njeri (2020) pontua que a leitura do cosmos é feita desde os primórdios por esses povos e além disso a narrativa reflete por meio do figurino a ligação direta de Sun Ra com a ideologia desses povos. Beyoncé e dançarinas se encontram em meio

¹⁶ Uma sociedade secreta onde todas as integrantes são mulheres guerreiras.

¹⁷ Disponível

em: https://aminoapps.com/c/wiccaebruxaria/page/blog/beyonce-em-spirit/5B5j_Eq7uVu0LdRzk7zYYEnxwwEZnKxVkgN

¹⁸ Contração de *Find Your Way Back*

ao deserto como personificações das próprias estrelas, traçando um caminho que será seguido por Simba na sua jornada de reencontro. Os personagens vestem uma espécie de tule, uma malha transparente preta, cravejados de cristais com franjas de cristais body chains franjadas também cravejadas (figura 8).

Figura 7 - Os espíritos ancestrais



Figura 8 - As estrelas



Fonte: Youtube¹⁹

Essas franjas podem ser uma referência ao saio de palha usado pelos espíritos ancestrais ou as próprias estrelas, pois Santos (2014) analisa que a palha representa a ascensão espiritual e ressurreição dos ancestrais para os africanos, portanto a característica simbólica das vestes brilhantes fazem menção a isto. Assim, Beyoncé, na obra, se apresenta como uma guia espiritual que, junto com outros ancestrais, iluminam o caminho do menino Simba. Ele, ao dançar com a artista, relembra do desejo dos ancestrais para ele, apoiando então na narrativa exposta por Njeri (2020).

O final de *FYWB*²⁰ revela ainda a coroação do pequeno rei Simba. Este se encontra adornado com trajes tradicionais: uma coroa de pelos, uma capa sobreposta em um patch de peles de animais com acabamento em viés de um material que se assemelha a couro, braceletes na mesma padronagem e um saio com padronagem de leopardo e antílope.

Figura 9 - Animal Print

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Su5uyZhzaNY>

²⁰ Abreviação de *Find Your Way Back*, clipe incorporado no álbum visual *Black is King*



Fonte: Site Clothes Minded²¹

Coneglian (2021), afirma que a estampa de onça está ligada ao poder, ao luxo e à confiança. Além disso ressalta também que a antiga nobreza africana acreditava que ao usar a pele desses animais, suas habilidades e força eram adquiridas. Sendo assim, essa característica é usada para retratar um aspecto do passado com o intuito de oferecer uma nova percepção de uso das peles, ou seus substitutos de tecido, os *animal prints* (figura 9).

5. **MOOD 4 EVA: O LUXO COMO ALIENAÇÃO E A DISCUSSÃO SOBRE A REPRESENTAÇÃO NEGRA FEMININA EM *BROWN SKIN GIRL***

Para tanto, nesse clipe Simba, performado pela figura de Jay Z, ainda foge do seu passado sem pensar muito no futuro, por isso ainda vemos o futuro rei aparecer em uma versão infantil, inocente e sonhadora deitada debaixo de uma árvore sonhando com consigo mesmo em um futuro permeado de ostentação (figura 10).

Figura 10 - Simba sonhando



Fonte: Site Forward Times²²

²¹ Disponível em:

<https://liveclothesminded.com/top-10-fashion-moments-from-the-disney-beyonce-film-black-is-king/>

Acessado em 05 de Jul de 2023

²² Disponível em: <https://forwardtimes.com/black-is-king-delivered-fashion-moments/> Acessado em 06 de Jul de 2023

Os homens presentes na cena se vestem com a estampa *animal print*, exceto Jay Z, talvez representando ainda sua desconexão com a ancestralidade. Ele usa modelagens e cores sóbrias, fazendo uma possível alusão a cultura ocidental do homem de negócios, que pode vir a ser a representação que Simba acredita ser a ideal de si, no futuro. Já Beyoncé e as mulheres em cena adornam-se de chapéus e turbantes, roupas esvoaçantes que se assemelham ao toque acetinado da seda, uma matéria prima de alto valor, levando ao espectador a refletir sobre a imponência matriarcal (figura 11 e 12).

Figura 11 - Chapéu transparente **Figura 12 - Turbante adornado**



Fonte: Youtube²³

Black Is King é uma obra que conta a história negra fora dos padrões estereotipados como já evidenciamos, porém, para além disso, Millan (2020)²⁴, menciona como o álbum introduz na indústria artística um discurso decolonial por meio da protagonização de corpos negros. A obra permite que as pessoas pretas desconstruam as teorias sobre si, que foram dadas pelos brancos como fato, aprofundando em questionamentos que não discorrem apenas de problemáticas “comuns” como o racismo, mas também acerca da trajetória do devir negro anterior ao período de colonização, como por exemplo, a espiritualidade ou até mesmo os signos estéticos inerentes a esse ser.

A narrativa dá conta de inserir a sociedade negra num lugar de exaltação, relembrando que a beleza, cultura e poder são um direito do indivíduo africano e diaspórico. Esse feito é ilustrado, como já mencionamos, pelo exagero, caracterizando-se pela adição de volumes expostos de modos ainda não

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MMuUFjxLOJU> Acessado em 06 de Jul de 2023.

²⁴ *Black Is King*: Álbum visual de Beyoncé é uma lição decolonial sobre as diferentes Áfricas: 'Dá espaço para culturas fora da compreensão dominante'... - Disponível em: https://rollingstone.uol.com.br/noticia/black-king-album-visual-de-beyonce-e-uma-licao-decolonial-so-bre-diferentes-africanas-da-espaco-para-culturas-fora-da-comprensao-dominante/?utm_source=site&utm_medium=txt&utm_campaign=copypaste

explorados, bem como uma repetição abundante de cores vibrantes e estamparia culturalmente representativa. Ainda constatamos a presença de muitas camadas de pele de onça, leopardo e outros animais, todavia, as modelagens são significativas para notarmos como os diretores incutiram a pertença através do vestuário. Fica evidente também, que a pompa que os diretores introduzem nesse contexto vem referenciada com base em indumentárias tradicionais do contexto africano, mais precisamente nos povos Zulu e Iorubás (Almeida, 2020). E ainda, inspira-se também na moda aristocrática do período romântico europeu como observa Silva (2009, p 85) a partir dos vestidos cônicos e mangas estruturadas nos ombros, e ainda refletindo sobre suas influências dos anos 1980 nos Estados Unidos, posteriormente disseminado para o restante do globo.

Esse exagero - a partir de uma observação técnica de moda, nos volumes, drapeados e até mesmo nas cores podem ser entendidas como uma resposta às imposições eurocentristas. Beyoncé lança mão de volumes e turbantes gigantescos, trazendo na narrativa uma discussão em relação visual em relação à tomada de poder, afirmando esse signo como um objeto de resistência e pertencimento como observado por Santos (2019).

Reforça que não é apenas uma estética, mas que esse elemento carrega marcas de uma territorialidade diáspora, sobretudo sob a responsabilidade feminina que sustenta a sobrevivência desse signo, conforme Santos (2019). Além disso, os tons de rosa que são usados na cena em que mulheres estão reunidas no jardim, representando um chá da tarde, perpassam aspectos sociais já conhecidos como a delicadeza e feminilidade (Oliveira, 2021).

Os diretores trazem para a obra mulheres como a mãe de Beyoncé, as modelos Naomi Campbell e Lupita Nyong'o, e diversas outras mulheres negras de destaque internacional. Em *Brown Skin Girl* (figura 13) esse cenário resgata o empoderamento das mulheres negras (Millan, 2020), mostrando uma iconografia afrocentrada, onde há uma alusão crítica a própria Disney que, “desde sua criação em 1920, pouco se preocupou de fato com a acuidade e representação étnica e cultural em animações de princesas e príncipes que foram e são fixadas na cabeça de milhares de espectadores (crianças, jovens, adultos) ao redor do mundo”,

representados somente por personagens brancos (Nwabasili, 2020²⁵).

Figura 13 - Brown Skin Girl



Fonte: Site Refinery²⁶

Os tons delicados e maquiagem leve expressam a beleza “natural” das mulheres negras em uma representação de diversidade, trazendo também sensualidade, delicadeza e luxo, ofertando um olhar representativo à essa potência do ser feminino que são expostos diariamente a uma luta por aceitação e reconhecimento, estando em uma linha tênue entre empoderamento e esquecimento. As mulheres que encenam o episódio aparecem vestidas com cores e estampas que são muito presentes em África construindo uma narrativa de valorização ancestral, resgatando uma herança que se mostra como uma política de afirmação à identidade dos negros em diáspora (Lima, Silva e Cézár 2017).

Além das vestes de cores simbólicas, como na representação de Ósun, divindade do auto amor representada pela cor amarela, os stylists da obra trazem à tona penteados característicos dos países africanos, segundo Lody (2004, p.65).

Essa exibição reconstrói o senso de irmandade e oralidade transportado por gerações, inserindo, mais uma vez, as mulheres negras como símbolos da cultura africana matriarcal, que para Njeri (2020) sem essa irmandade a sobrevivência ao caos da maafa não seria possível. Essa perspectiva de mulheres negras que apoiam mulheres negras, em um cenário onde as mesmas contam e reconstroem sua própria história, ressalta a perspicácia do afrofuturismo inserido muito além dos

²⁵ Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/black-is-king-de-beyonce-imperialismo-e-representacoes-negras-no-mainstream-audiovisual-estadunidense-e-raca-e-historia-como-discursos/>

²⁶ Disponível em:

<https://www.refinery29.com/en-us/2020/08/9945108/beyonce-kelly-rowland-brown-skin-girl-black-is-king>

Acessado em 06 de Jul de 2023

trajes, mas também na ação de remontar o passado, assegurando o presente e o futuro baseado em espólios de um saber ancestral.

6. *MY POWER E SPIRIT: A DANÇA E A ESTÉTICA NA RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO NEGRO NA RECUPERAÇÃO DO EU ATRAVÉS DO VESTIR*

Após percorrer um caminho repleto de impermanência, desassociações e alienação da imagem identitária, Simba encontra-se com seus medos na canção *Ja Ara E*, e após se ver em confronto, parte na retomada da sua realeza e encontro com sua ancestralidade a fim de reconstruir seu corpo, mente e alma, baseado em ensinamentos dos seus ancestrais. Após contextualizar a espiritualidade cíclica em *Otherside*, *Black is King* apresenta Simba em uma retomada de consciência, junto a mulheres com penteados cobertos por argila vermelha (figura 14) - uma representação das mulheres Himba (Almeida, 2020) - vai então para a luta na recuperação de seu trono das mãos de seu tio Scar - em simbologia ao irmão leão que trai Mufasa na obra *The Lion's King* de 1984, onde o filme *Black is King* é inspirado (figura 15). Sendo uma metanarrativa desse universo, *Black is King* se propõe a ampliar a história de Simba através de outras percepções que, voltadas para pessoas negras em diáspora, se apropriam do movimento de retomada da própria africanidade e ancestralidade que se encontra no continente originário. .

Figura 14 - Representação Himba



Fonte: Site The tease²⁷

Figura 15 - Leoa posição de ataque



Fonte: Site The Lions King²⁸

Identificando o corpo como parte da oralidade (Souza, 2011), as canções *My Power* e *Black Parade* complementam a história de Simba a partir da dança e do vestuário, reforçando o corpo como instrumento para representar, tanto pelo

²⁷ Disponível

em: <https://www.thetease.com/the-best-hair-moments-from-beyonces-black-is-king/> Acessado em 06 de Jul de 2023

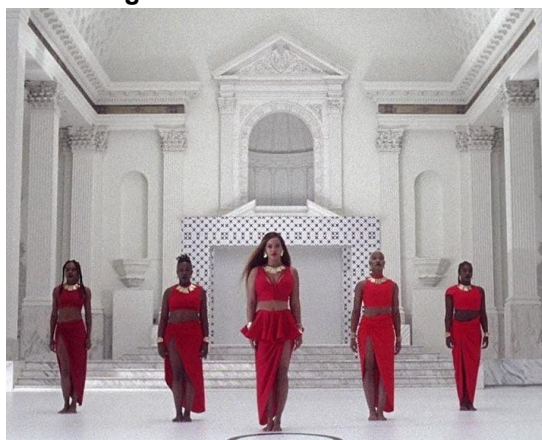
²⁸ Disponível em: <https://thelionskings.blogspot.com/2013/08/o-reinado-de-simba-ep-12-historia-de.html> Acessado em 06 de Jul de 2023

movimento (dança) quanto pelos signos (roupas e acessórios), a expressão desse personagem. E assim, *Black is King* ressignifica e desmonta o estereótipo do corpo instaurado pela sociedade colonizadora ao utilizar o corpo da cantora sul-africana Busiswa como referência de empoderamento, subvertendo a estética objetificada que implantaram a Sara Baartman (Moonsamy, 2022).

Em *My Power*, o estilo africano se apresenta modernizado em uma estética que incorpora um tons quentes, penteados e acessórios tradicionais, reunindo algumas mulheres de nacionalidades norte-americanas e sul-africanas em uma dança de cunho aguerrido que, segundo Almeida (2020) faz alusão a cena onde as leões, na animação de inspiração da obra, se unem a Simba para guerrear contra Scar. Aza Njeri (2020) comenta que uso de jóias em tom de ouro potencializa a premissa que os africanos e afro diaspóricos descendem de impérios ricos como Gana e Mali, bem como os povos Tuareg que são ícones da “ourivesaria secular”.

Percebemos, portanto, a partir do figurino de Beyoncé, Busiswa, e dançarinas, o uso de uma indumentária, que apesar da cor, se apresenta como a mais sóbria, composta por alfaiataria e um conjunto de saia e blusa coloridos em um tom de vermelho (figura 16). A representação do sangue e da energia conectada à guerra, explica Dantas (2018, p.7), faz referência à deidade Oyá/lansã, que aparece na cultura africana “uma mulher guerreira que usa uma espada na mão, ser a protetora das tempestades”. A cor branca também se apresenta mais uma vez, na união dos ancestrais femininos (como as Ahois²⁹) a Simba nessa “guerra” de poder.

Figura 16 - Vermelho de luta



²⁹ Guerreiras africanas dos reinos de Daomé, historicamente o único grupo formado apenas por mulheres, reconhecido na história.

Fonte: Site Black Power³⁰

A produção visual caminha para o encerramento ilustrando a importância da comunicação ancestral até mesmo nos acessórios. Beyoncé aparece surge com a representação de um Baobá, árvore que vive por séculos, adornada por um Adé³¹, cheio de búzios, assim como a peça que veste a artista. Para Eliade (1991, apud Pereira e Caridade, 2020) esse tipo de concha para variadas civilizações trazem a ideia de proteção, prosperidade, abundância, e é comumente utilizado para representar deusas femininas, além de representar uma relação com a natureza, mais propriamente o mar, onde começa essa obra.

Ao chegarmos em *Spirit*, a canção que finda o álbum visual *Black is King*, nos deparamos com uma perspectiva de agradecimento e proteção, o *voice over* que introduz a canção menciona: “Os orixás seguram sua mão ao longo da viagem, que começou antes do seu nascimento. Nunca nos esqueçamos de agradecer, aos ancestrais, nobres e majestosos, unindo nossas bênçãos nas estrelas.” (*Black is King*, 2020). Após essa reflexão vemos em cena diversas pessoas pretas retratadas em seu cotidiano, e então, vem a performance de *Spirit*.

Beyoncé aparece vestida de amarelo - mais uma vez representando Osún, numa igreja (possivelmente norte-americana) rodeada por um coral, vestido de uma alfaiataria roxa que se relaciona com os conceitos de realeza de acordo as percepções de Tamayo e Paulucci (2021) (figura 17). A narrativa segue com a representação da artista e outros dançarinos aos espíritos ancestrais, por vezes orixás, nkisis e outras deidades. Os tecidos são leves, e as cenas se passam no deserto, que por especulação de Njeri (2020), seria o Saara.

Figura 17 - Spirit



³⁰ Disponível em: <https://blackpower-ff800.web.app/my-power-black-is-king.html> Acessado em 06 de Jul de 2023

³¹ Coroa feita em metal ou tecido bordado com contas, búzios e etc... Em sua frente há uma franja que cobre o rosto do orixá. (Lins, 2000)

Fonte: Youtube³²

De verde, representando as deidades da natureza, bem como o Baobá aqui já mencionado, ela remonta por um breve instante o percurso que Simba e todos aqueles que ele representa percorreram - mesmo que temerosos - mas se sustentaram nos ancestrais. Cada deidade é então reencenada, sugerindo mais uma vez o ciclo da vida, o caminho por onde pessoas pretas passam e passarão.

As cores lisas são mais evidentes nessa parte do álbum e cada uma delas faz menção a uma divindade: Azul, representa do deus da guerra, da defesa, chamado por vezes de Ogun (figura 18), Roxi Mukumbe (nas religiões de matrizes africanas), ou São Jorge (no sincretismo cristão); amarelo, representando Ósun, a divindade da fertilidade e do amor próprio, que por vezes também é representada pelo azul ou rosa, é chamada também de Aziri; vermelho, que como mencionado representa a guerra, a energia ou o amor, e aqui lemos algumas divindades como lansã, Obá, ou Exú (figura 19); o verde está ligado às deidades da natureza ou caçadores como Ossayin (figura 20) , Oxóssi (figura 21), Oxumarê e por vezes, raras, Yewá; já o branco está relacionado a Deus (cristianismo) e Oxalá.

Black is King se encerra com Simba apresentando seu filho à comunidade e, nesse momento, ele está ao lado da mãe África e sua esposa Nala. Ambos vestem branco, simbolizando a pureza, o que nos remete ao primeiro ritual, analisado no início deste trabalho. Em contraponto às vestes alinhadas e simples, Simba e Nala estão adornados com ouro nos cabelos e nos acessórios e percebemos que se encontram no palácio tradicional Zulu, ou seja, Simba se tornou Rei e agora o seu filho conhecerá um pouco de sua jornada.

figura 18



figura 19

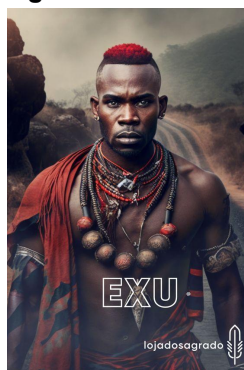


figura 20



figura 21



Disponível em: <https://www.lojadosagrado.com.br/>

³² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3FG76TcU_70 Acessado em 06 de Jul de 2023

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde de seu sucesso Beyoncé aborda as questões da negritude em suas músicas e vídeos, entretanto desde o lançamento do álbum *Lemonade*, onde aborda abertamente questões sobre seu relacionamento com o marido Jay-Z, discussões sobre o amor afrocentrado, e pautas como a sensibilidade do homem negro e a solidão da mulher negra, a artista utiliza a moda como uma forma de expressão. E em *Blacks Is King* (2020) não seria diferente, já que a mesma introduz, além da personalidade negra protagonista, a presença ancestral afrofuturista, reconstruindo uma narrativa de futuro a partir de um olhar no passado e da construção histórica que esse povo carrega.

À luz do legado da diáspora africana e da busca pela valorização da identidade negra, *'Black Is King'* emerge como uma obra cinematográfica que transcende o presente, mergulhando nas raízes culturais, oferecendo uma visão alternativa e inspiradora do futuro das comunidades negras ao explorar temas como a resiliência, a conexão ancestral e a reconstrução de uma identidade marcada por negacionismo e subalternização históricos.

O figurino retratado na obra foi elaborado a partir de uma ótica que mergulha nas raízes culturais africanas, resgatando e reinterpretando elementos da moda tradicional para criar uma estética contemporânea que se preocupa em mostrar a herança cultural africana e da diáspora. Essa abordagem oferece uma perspectiva de moda que desafia os estereótipos e a herança da beleza negra por meio de subverter as normas estabelecidas, destacando a importância de reconhecer e valorizar a contribuição da diáspora africana para a indústria da moda.

Através dessa análise, percebemos como a moda, os figurinos e os elementos visuais são utilizados para expressar a jornada de reconexão com a ancestralidade, a superação das adversidades e a celebração da identidade negra. Ao investigarmos os elementos culturais africanos presentes no figurino e na narrativa, podemos compreender como a expressão artística dessa obra pode vir a atuar como um resgate e fortalecer a identidade dos povos pretos.

Embora *'Black Is King'* tenha recebido aclamação da crítica, é surpreendente a escassez de análises científicas sobre o filme. Isso reflete também a necessidade de explorar e compreender o impacto dessa obra que, através de sua representação artística e filosófica do afrofuturismo, oferece um mergulho na identidade negra. O figurino versa quase que por si só sobre a transcendência da

cultura afro e diaspórica em relação ao tempo e espaço, levando - nos a uma compreensão da identidade como algo construído de forma individual e coletiva. Além disso, a representação do indivíduo negro em um contexto decolonial e as músicas podem desempenhar um incentivo para a pessoa preta persistir em sua busca por autenticidade e autodescoberta.

Vale ressaltar que este trabalho colabora para a ampliação dos estudos acadêmicos sobre o afrofuturismo e suas influências nas áreas da moda. A presença de elementos tecnológicos e visuais que a obra analisada trás, ao representar artisticamente uma ancestralidade cíclica e reinterpretar elementos culturais africanos destacam a relevância do afrofuturismo, oferecendo um ponto de partida para investigações interdisciplinares e diálogos entre campos diversos. Assim, espera-se ter contribuído para um ambiente acadêmico mais inclusivo e diversificado, incentivando uma nova abordagem na pesquisa acadêmica através da interseção entre arte, tecnologia e cultura.

8. REFERÊNCIAS

ALVES, Jéssica. **Do Egito antigo a Beyoncé: estampas de oncinha e leopardo carregam história e simbolismo.** Disponível em:

<<https://elle.com.br/moda/do-egito-antigo-a-beyonce-estampa-de-oncinha-carrega-historia-e-simbolismo>> Acesso em 23 nov. 2021.

ALMEIDA, Ana Beatriz; **Black is King: Uma análise decolonial.** Aldeia Nago, ago.2020. Disponível em:

<https://aldeianago.com.br/artigos/5/24177--black-is-king-uma-analise-decolonial-por-ana-beatriz-almeida>.

ANCHIETA, Carolina. **Design Estratégico e afrofuturismo na busca por uma moda decolonial sustentável.** Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Porto Alegre, 2021.

ANTÓNIO, Ivanira A. Semedo. **A Cultura Africana no Design de Moda Contemporâneo: Moda, Música e Expressão.** 2021. Dissertação (Mestrado em Design Moda) - Universidade Beiras Interior - UBI, Portugal, 2021

ARAÚJO, U. A. M. **Máscaras inteiriças Tukúna: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena.** 1985. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1986.

BASTIDE, Roger. **As Américas Negras.** São Paulo: Eduse, 1974

BERTH, Joice. **Empoderamento.** São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

CAETANO, Sheila Cristina Silva Aragão. **A afromoda e o estilista Isaac Silva**. Revista Dobras, 2020. Disponível em:
<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1244/653>

COELHO, Marcos Vinicius Santos Dias. **O humano, o selvagem e o civilizado discurso sobre a natureza em Moçambique colonial, 1876-1918**; Salvador: UFBA - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2009.

CORDEIRO, Rachel de Aguiar. **A Moda Em Não-Lugares E Os Tempos Hipermodernos**. Universidade do Vale do Paraíba - Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas e Comunicação, Paraíba, 2021.

CONEGLIAN, Junior. **Solte suas feras: o simbolismo do animal print**. Disponível em:
 <<https://www.leiaja.com/cultura/2020/11/13/solte-suas-feras-o-simbolismo-do-animal-print/>> Acesso em 04 jul 2023.

COSTA, Bruna Emanuelle dos Santos Lavor. **A História Da Moda Influenciando As Tendências**; São Paulo: USP - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CUCHE, Denys; **A noção das culturas nas ciências sociais**; São Paulo: Verbum, 1999.

DANTAS, Rafael Jesus Da Silva ; **O Poder Feminino De Iansã E O Esquecimento Do Negro No Museu**; Universidade Federal de Sergipe - UFS, Sergipe, 2018.

DE SOUZA, Wanessa. **As Grandes Navegações e o Descobrimento do Brasil**. 2007. Disponível em:
<http://www.opiniaopublica.ufmg.br/pae/apoio/asgrandesnavegacoesedescobrimentodobrasil.pdf>

DO NASCIMENTO, Raisia Bosniac; **A Distinção e Semelhança dos Sexos Refletidos na Moda**; São Paulo; Universidade de São Paulo, 2016.

DOS SANTOS, Nádia Regina Braga dos . **Do Black Power Ao Cabelo Crespo: A Construção Da Identidade Negra Através Do Cabelo**. Trabalho de conclusão de curso (Especialista em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade De São Paulo Escola De Comunicações E Artes Centro De Estudos Latino Americanos Sobre Cultura E Comunicação, São Paulo, 2015.

GARCIA, Daniel; MEDEIROS, Tamires A.; RIBEIRO, Cassio; SANTOS, Juliana de F. L. NETO, Julino S. ANTONIO, Raquel de L.; SANTOS, Thabata S. D. dos; RODRIGUES, Eliana. **Defumadores com possível efeito ansiolítico utilizados no Centro de Umbanda Caboclo Ubirajara e Exu Ventania, Diadema, SP, Brasil: um estudo etnofarmacológico**: Ethno Scientia, São Paulo, 2016.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação**. Minas Gerais: Universidade Estadual de Minas Gerais: Revista Brasileira de Educação, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARGER, Patrícia Helena Campestrini. **Identidade Afro-brasileira e moda**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2015.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JONES, Sue Jenkyn. **Fashion Design: Manual do Estilista**. São Paulo: Cosac. Naify,

LEIRO, L. T. . **Moda e Ancestralidade: Torço, Turbante e Identidades**. 2017.

LEME, José Tiago Risi. **Sociedades tradicionais da África representadas no acervo do MAE: Dogon**. 2003. Disponível em:
<http://www.arteafricana.usp.br/codigos/glossarios/002/dogon.html>

LIMA, K. C. C. Silva, S. A. R. Cezar, V. A. (Ano de publicação). **A vestimenta como símbolo de identidade cultural afro-brasileira**. Revista Coletivo SECONBA - Volume I - Ano I. Bahia, UNEB - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

LIMA, Wellington de Souza; DA SILVA, Nicole Machado Lopes. **A maafa multissecular e a (des)integração de africanos em diáspora**. In: Congresso Internacional do FoMerco, 2019, Paraná. Anais 9. Paraná, UNILA - Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2019.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LINDOSO, Beatriz Amorim. **O cabelo como elemento de valorização da identidade da mulher não branca**. Fortaleza: Projeto de Pesquisa; Graduação do curso Design - Moda; Universidade Federal do Ceará, 2016.

LINS, Ana Cristina da Cunha; **A função social das máscaras Cokwe**; In: X Congresso Internacional de ALADAA: Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização; Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2000.

MACHADO, Mateus Araujo Dácio Barcellos. **Importância Social Do Filme Pantera Negra**, Uniceub - Centro Universitário De Brasília, Bahia, 2018.

MANDARINO, A. C.; GOMBERG, E. **Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências**: TEXTOS DE HISTÓRIA, vol. 17, nº 1, 200, Bahia: UFBA - Universidade Federal da Bahia, 2009.

MOONSAMY, Nedine. **Ventriloquism in Beyonce 's Black is King (2020)**. Collateral Journal, Coliseum 77, Bélgica, 2022.

NJERI, Aza; **Black is King: uma análise afrorreferenciada do novo álbum visual de Beyoncé**. Rio Encena, ago.2020. Disponível em:
<https://rioencena.com/black-is-king-uma-analise-afrorreferenciada-do-novo-album-visual-de-beyonce/> Acesso em: 21 jun. 2023.

NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. **Mulherismo Africana**: práticas na diáspora brasileira. *Currículo sem Fronteiras*, v. 19, n. 2, p. 595-608, maio/ago. 2019. ISSN 1645-1384. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/article/view/16175>. Acesso em: 18 de junho de 2023

NWABASIL, Mariana Queen; **'Black is King' de Beyoncé**: imperialismo e representações negras no mainstream audiovisual estadunidense e raça e história como discursos, ago. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/black-is-king-de-beyonce-imperialismo-e-representacoes-negras-no-mainstream-audiovisual-estadunidense-e-raca-e-historia-como-discursos/>
Acessado em: 21 de junho de 2023

OLIVEIRA, Luana da Silva. **As cores como expressão de sentimentos**: uma análise do figurino da série *Sex Education*. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Santa Catarina, 2020.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da Ancestralidade como filosofia Africana**: Educação e cultura afro-brasileira. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p.28-4.

OLIVEIRA, V.; EUCLIDES, M. S. **Passado-presente-passado em vias de construção de futuro**: O que podemos apre(e)nder com Black is King?. *Sankofa (São Paulo), [S. l.]*, v. 16, n. 27, p. 38 - 62, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/207536>. Acesso em: 9 jun. 2023.

PEREIRA, Diana Patrícia Medina; CARIDADE, Waleff Dias. **Jogo de Búzios**. In: XIII Encontro Estadual de História - História e Mídias: Narrativas e Disputas. ANPUH - Associação Nacional de História; UNB - Universidade de Brasília; Brasília, 2020.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1980. 500 p.

POERNER, Bárbara. **Um ano depois do quadradinho preto, o que mudou na moda?** *Revista Elle*, São Paulo, 07 de junho de 2021.

PÓS MODERNISMO E POLÍTICA: HOLLANDA, Heloísa Buarque De (org.) **A questão do "outro", diferença ,discriminação e o discurso do colonialismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1939.

REZENDE, Evandro Carlos. **O Sentido Social das Máscaras Africanas e o Seu Uso Como Objeto Pedagógico em Sala de Aula**. Paraná

ROMÃO, Jeruse. **História da educação do Negro e outras histórias / organização de Jeruse romão**. Brasília: Gráfica e Editora Qualidade , 2005.

RUFFATO, Luiz. **Questão de pele/** prefácio, seleção e organização de Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SANTOS, JÁ. **Diáspora africana**: paraíso perdido ou terra prometida. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora

da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194. ISBN 978-85-386-0383-2. Available from: doi: 10.7476/9788538603832. Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/yf4cf/epub/macedo-9788538603832.epub>.

SANTOS, Maria do Carmo Paulino. **Moda Afro-Brasileira, design de resistência: o vestir como ação política.** Dissertação (Mestrado em Ciências pelo programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda). Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2019.

SILVA, Dandara Maia. **Afirmção étnica e o consumo de moda: O uso da estamparia africana como ato político.** In: XXIX Simpósio Nacional de História, UnB - Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, I. G. **Pena de morte para o nascituro.** O Estado de São Paulo, São Paulo, 19 set. 1998. Disponível em: http://www.providafamilia.org/pena_morte_nascituro.htm. Acesso em: 19 set. 1998.

SILVA, Kellen Carolina Vieira; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. **O Afrofuturismo como forma de representação Cultural.** In: EMIcult. 2. 2016. São Luiz Gonzaga. Anais. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI).

Disponível em:

<https://docplayer.com.br/70095640-O-afrofuturismo-como-forma-de-representacao-cultural-1.html>. Acesso: 18 de Junho de 2023.

SILVA, Ursula de Carvalho. **História da indumentária.** Apostila para a Disciplina de História da Indumentária do Curso Técnico em Moda – Estilismo. Instituto Federal Federal De Educação, Ciência E Tecnologia De Santa Catarina - IFSC. Araranguá, 2009.

SOARES, Ana Paula Nunes. **As cores do luto.** Dissertação (Mestrado em Design e Cultura Visual) - IADE - Universidade Europeia. Portugal, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro Brasil em ascensão social.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TAVARES, Rosana Carneiro. **O sentimento de pertencimento social como um direito universal.** Cad. de Pesq. Interdisc. em Cis. Hums., Florianópolis, v. 15 n. 106, Santa Catarina, 2014.

URANI, A. et al. **Constituição de uma matriz de contabilidade social para o Brasil.** Brasília, DF: IPEA, 1994.

WOMACK, Nome. **Afrofuturism: The World of Black Sci-Fi and Fantasy Culture.** Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.